

Resenha

Walt Disney: histórias de bastidores com relevância para o mercado cinematográfico

(KORKIS, Jim. **Segredos de Walt Disney**: histórias inéditas, não oficiais, sem censura e não autorizadas sobre o reino mágico. Tradução: Celina C. Falck-Cook. São Paulo: Seoman, 2015. 287 p.)

Tiago Eloy ZAIDAN¹

No fim de semana dos dias 27 e 28 de julho de 1917, o jornal Kansas City Star levou os seus jornalheiros para uma exibição especial do filme mudo *Branca de Neve*, com Marguerite Clark (1883-1940) no papel principal, no auditório do Palácio das Convenções da cidade. Dentre os jornalheiros, estava Walt Disney (1901-1966), na época, não mais que um adolescente (p.56). Anos depois, na noite de 21 de dezembro de 1937, foi a vez de Walt, agora um produtor vanguardista, apresentar em Hollywood a sua própria versão cinematográfica do conto folclórico alemão compilado pelos irmãos Jacob (1785-1863) e Wilhelm Grimm (1786-1859), *Branca de Neve e os Sete Anões*. Era a estréia da primeira animação em longa metragem da história.

Por ser um empreendimento pioneiro, não se sabia ao certo o que se esperar do público. Nem mesmo os animadores que trabalharam no filme estavam acostumados com a ideia de participarem de uma estréia, como se fazia com os longas-metragens. Um dos artistas, Ken Anderson (1909-1993), teria dito sobre a sua experiência no lançamento da película:

Nós ficamos só parados ali, olhando os astros e as estrelas passarem. E eles tinham vindo para ver o desenho e foram muito francos a respeito disso. Eles disseram: ‘mais que diabo. Isto é um desenho animado. Não perderíamos tempo vendo esta droga, se tivéssemos escolha’. (...). Quando saíram estavam todos comentando a história. Aliás, não podemos nem sequer começar a descrever o que eles sentiram. Porque eles estavam abismados. Ficaram de pé depois de ver o filme e o aplaudiram (...) (p. 88).

¹ Mestre em Comunicação Social pela Universidade Federal de Pernambuco. Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB). E-mail: eloyzaidan@gmail.com

Em seguida, Anderson arremata: “Aqueles pessoas estavam simplesmente comovidas com aquilo, com aquele desenho” (p. 88). Outro animador, Ward Kimball (1914-2002), o qual assistiu à estréia ao lado da esposa Betty, lembrou: “Estrelas de cinema estavam sentadas nas poltronas ao nosso redor. Betty e eu nos sentamos atrás de Clark Gable e Carol Lombard, e ele se emocionou quando a Branca de Neve foi envenenada. Começou a fungar e pediu um lenço emprestado” (p.94).

Como se o pioneirismo do filme não bastasse para atrair a curiosidade do público, Walt não poupou esforços na promoção do longa. O *mix* de marketing contou com mais de mil *outdoors* em Los Angeles e com a visita do próprio Disney, acompanhado dos personagens, a programas de rádio. Se no acesso ao cinema Carthay Circle, onde se deu a estreia, recepcionistas fantasiadas de Branca de Neve davam as boas vindas aos que chegavam, no entorno foi montado um grande cenário que remetia ao enredo do filme, com direito à réplica da casa dos anões, uma roda de moinho, girado por um córrego, estátuas e flores, espalhados por um jardim que se estendia por aproximadamente dois quarteirões. Sete anões fantasiados, movimentando-se sem parar pelo cenário, compuseram o quadro (p. 89-90). Também foi montada uma exposição sobre a confecção do filme, com desenhos e fotos (p. 92).

Apesar das ações promocionais terem repercutido bem, nem todas as estratégias elencadas funcionaram como se esperava. Em uma experiência, a qual viria a ser largamente utilizada posteriormente, o estúdio resolveu alistar os seus personagens mais populares, Mickey, Minnie e Pato Donald, para se fazerem presentes no lançamento. Para tal, foram empregadas fantasias toscas, do tipo pijama, as quais adquiriam “(...) a forma do corpo da pessoa” (p. 92). Na cabeça, os olhos adotavam o padrão “pizza cortada”, cujas fatias deviam olhar para a mesma direção, o que não ocorreu, deixando os personagens estrábicos. Ao que consta, as fantasias dos anões ficaram ainda piores. Sobre elas, Bill Justice (1914-2011), um dos animadores presentes, recordou: “Devem ter deixado para a última hora, porque eles não se pareciam nem de longe com os personagens do desenho animado criados no estúdio. Foi um milagre aqueles anões não terem assustado os espectadores” (p. 92).

Nada, porém, foi capaz de ofuscar os méritos de Disney e o sucesso do longa-metragem. Em uma entrevista para rádio, ainda por ocasião do lançamento de *Branca de Neve*, o diretor e produtor Dave Hand (1900-1986), falando em nome do estúdio,

profetizou: “Descobrimos que apenas arranhamos a superfície das maravilhosas possibilidades que nos aguardam nos filmes animados de longa-metragem” (p. 94). Ele estava certo. Para se tirar a prova, basta verificar as bilheterias dos herdeiros daquele 21 de dezembro de 1937. A título de ilustração, dos quatro filmes que lideravam as bilheterias nos cinemas norte-americanos na semana de 17 de julho de 2015, dois eram animações – *Minions* (Universal Pictures) e *Divertida Mente* (Pixar Animation Studios)².

A Academia também percebeu a importância daquele lançamento para a indústria cinematográfica, conferindo a Walt, em 23 de fevereiro de 1939, um Oscar especial, a qual trazia a seguinte inscrição: “Para Walt Disney, pelo filme *Branca de Neve e os Sete Anões*, reconhecido como uma inovação significativa na história do cinema que encantou milhões de pessoas e foi o pioneiro do espetacular novo campo de filmes de longa-metragem animados” (p. 96). Como se não bastasse, a animação arrebatou a maior bilheteria do cinema até aquela ocasião, marca superada pouco mais tarde pelo clássico *E o Vento Levou*, de 1939 (p. 97).

Este e outros episódios relevantes da biografia de Walt Disney e dos bastidores da companhia que leva o seu nome estão contidos no livro *Segredos de Walt Disney: histórias inéditas, não oficiais, sem censura e não autorizadas sobre o reino mágico*, do historiador da Disney Jim Korkis. Apesar do título estridente e da obra trazer, de fato, episódios pouco conhecidos, o livro passa longe de abordar temas proibidos, como sugere o seu marketing. Mesmo a alcunha de “não autorizado” pode ser questionado, uma vez que a própria filha de Walt Disney, Diane Disney Miller (1933-2013), assina o prefácio da obra, além de se configurar numa das mais importantes fontes do autor. Diane chega a afirmar: “Jim não coloca meu pai num pedestal, mas sem dúvida gosta dele, o que, porém não influi, a meu ver, em sua capacidade de apresentar opiniões objetivas sobre ele” (p. 13).

Em todo caso, deve-se reconhecer o mérito da investigação, quase obsessiva, de Korkis a assuntos relacionados à Disney. Sua metodologia abrange pesquisas em livros, muito dos quais obscurecidos pelo tempo, especialmente autobiografias de pessoas envolvidas com os episódios narrados; documentos diversos e, principalmente, depoimentos, os quais são, certamente, o carro-chefe da metodologia do autor. O

² Disponível em <http://www.adorocinema.com/filmes/bilheterias/eua/>. Acesso em 26 de jul. 2015.

resultado é espelhado nas diversas citações, as quais dão voz a personalidades diversas, que vão da filha de Disney a funcionários antigos da Disneylândia e do Walt Disney World.

Todo este trabalho, além de aguçar o encanto do autor pelo conglomerado de comunicação e entretenimento, o levou a uma conclusão: ao menos as memórias organizacionais não são tratadas como princesas no reino mágico de Mickey Mouse. “Fiquei chocado ao descobrir que alguns documentos haviam sido destruídos por economia nos custos de armazenagem ou porque uma atração havia sido desativada ou nunca tinha sido construída”, revela Korkis (p. 151), o qual já foi coordenador do Centro de Aprendizado Disney, onde pesquisava, escrevia e facilitava apresentações sobre a história corporativa da companhia para membros do público interno e parceiros (p. 287).

Ao versar sobre Walt, com franca admiração, o autor faz saber que os reconhecimentos ao produtor cinematográfico nascido no Illinois não se restringiram aos seus feitos em *Branca de Neve*. Disney é o maior vencedor de Oscar da história. Segundo informações oficiais do Walt Disney Family Museum³, foram 32 Academy Awards, os quais, hoje, repousam no museu da Família Disney, em São Francisco (KORKIS, 2015, p. 146). Só em 1954, foram quatro estatuetas, obtidas nas categorias melhor curta animado (*Toot, Whistle, Plunk and Boom*), melhor documentário de curta-metragem (*The Alaskan Eskimo*), melhor documentário (*O drama do deserto*), e melhor curta de dois rolos (*Bear Country*) (p. 145). Em meio à coleção, consta ainda uma estatueta especial pela criação de Mickey Mouse, concedida em 1932 (p. 140).

Se as glórias pelas conquistas do estúdio acabavam concentradas nas mãos de Walt, o mesmo se podia dizer da palavra final sobre os trabalhos produzidos ali. Um *case* que ilustra este fato, trazido a tona no livro *Segredos de Walt Disney*, ocorreu no segundo semestre de 1953. Nesta época, Chuck Jones (1912-2002), co-criador de personagens emblemáticos na Warner Bros., como o Pernalonga e o Patolino, teve uma breve passagem pelos estúdios Disney. Jones foi lotado na produção do longa animado *Bela Adormecida*, mas não se adequou a cultura organizacional centralizadora de Burbank. Segundo anotações no diário mantido pelo produtor da Disney, Harry Tytle

³ Disponível em <http://www.waltdisney.org/blog/walt-disneys-oscars%C2%AE>. Acesso em 26 de jul. 2015.

(1909-2004), “Embora Chuck respeitasse o Walt, Jones estava acostumado a fazer tudo do jeito dele, e nos Estúdios Disney só havia um jeito de fazer as coisas, e esse era o jeito do Walt, como muitos outros artistas talentosos e independentes aprenderam na marra, com o passar das décadas” (p. 254).

Jim Korbis transcreveu ainda um depoimento do próprio Chuck Jones, onde ele comenta a breve experiência na casa do Mickey Mouse, até retornar para a Warner:

(...) não conseguia me adaptar àquele negócio de esperar o Walt decidir as coisas... O pessoal da Disney foi treinado assim e estava acostumado com isso. A gente terminava uma sequência e depois esperava, talvez semanas. Cinco ou seis homens, só sentados, sem fazer nada, esperando o Walt vir. Quando ele vinha, na verdade já tinha estado ali na noite anterior, quando o estúdio estava escuro, e olhado os desenhos. Todos sabiam que ele já havia visto a sequência, mas mesmo assim tinham que mostrá-la a ele, como se ele não a tivesse visto (p. 251).

A despeito do incômodo que a estrita falta de autonomia aos artistas pudesse causar, a ausência de Walt no primeiro longa animado produzido após a sua morte, em 15 de dezembro de 1966, foi notada pelos críticos. *Aristogatas*, lançado em 24 de dezembro de 1970, embora possua sua parcela de fãs – como de resto, cada um dos filmes da Disney –, foi criticado por possuir personagens deslocados, um enredo desconexo e uma narrativa falha. A decepção foi ainda maior por conta da relativização com o longa de animação anterior, *Mogli, o Menino Lobo*, estória baseada na obra *O livro da Selva*, do poeta britânico Rudyard Kipling (1865-1936), que havia causado sensação (p. 121-122).

Ainda assim, *Aristogatas* foi um sucesso de bilheteria. Até por carregar a aura de um filme Disney. Embora o patrono dos estúdios houvesse morrido quatro anos antes do lançamento, sua popular assinatura, em tipo arabesco, não deixou de adornar a produção, aparecendo mais do que qualquer outro nome.

Apesar de não possuir, definitivamente, esta pretensão, *Segredos de Walt Disney*, através de uma leitura analítica, pode fornecer subsídios os quais endossam a conclusão de que o modelo de produção dos filmes animados Disney são um libelo ao capitalismo. Um mutirão de artistas cumpre papéis específicos e, ao fim, tal como ocorre nos modelos fabris tradicionais, veem-se alienados da obra final, a qual leva a assinatura de um gênio – falecido desde 1966.